

SIMPÓSIO AT212

A ROUPA FALA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS

NÉLO, Maria José

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
mariano@uol.com.br

REIS, Lívia Cristina Silva

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
livia_reis@live.com

Resumo: Todo empreendimento de categorização de ensino de língua acarreta dúvidas, ainda mais quando se pretende tratar de produtos simbólicos como fala, modalidade linguística; vestimentas - das designações de peças do vestuário de homens, mulheres, crianças; religiosidade; clima e temperatura; tipificação de trabalho em diferentes condições de uso e práticas discursivas culturais. Foram esses elementos que possibilitaram identificar, com prudência, situações comunicativas, informativas e interativas conflituosas de alunos - africanos - com os órgãos/empresas empregatícias. Tal situação favoreceu a compreensão de que é possível confirmar a hipótese de que o ensino-aprendizagem da língua portuguesa pela concepção das vestimentas, ou seja, o que significam certas roupas – a roupa fala - envolve professor e aluno numa unidade interativa mediados pela diversidade. Para tanto, retomam-se os fundamentos teóricos da Análise Crítica do Discurso, de vertente sociocognitiva, pelas noções de Discurso e Contexto, de acordo com Van Dijk (2008 e 2012). No contexto situacional, as vestimentas envolvem um conjunto de informações simbólicas, metafóricas, valores e regras que subjazem às atribuições de designações linguísticas, como atributos culturais e ideológicos. Os estereótipos e tipos de vestimentas brasileiras causam estranhamentos culturais aos estrangeiros, bem como mostram que as designações e seus significados revelam o modo de ser e de se representar de cada grupo social, um em relação ao Outro.

Palavras-chave: Ensino de Português; Vestimentas; Discursos

Abstract: Every entrepreneur of categorization of language teaching leads to doubts, even more when it intends to treat symbolic products such as speech, linguistic modality; and garments-from the designations of garment parts of men, women, children; Religiosity Climate and temperature; Work in different conditions of use and cultural discursive practices. These were the elements that made it possible to identify, with prudence, communicative, informative and interactive conflicting situations of students-Africans-with the agencies/companies employed. This situation favored the understanding that it is possible to confirm the hypothesis that the teaching-learning of the Portuguese language by the conception of the garments, that is, what means certain clothes-the clothes talk-involves teacher and student in an interactive unit mediated by diversity. To this end, the theoretical foundations of the critical discourse analysis, of sociocognitive Strand, are resumed by the notions of discourse and context,

according to Van Dijk (2008 and 2012). In the situational context, the garments involve a set of symbolic, metaphorical information, values and rules that underlie the attributions of linguistic designations, such as cultural and ideological attributes. The stereotypes and types of Brazilian garments cause cultural weirdings to foreigners, as well as show that the designations and their meanings reveal the way of being and representing each social group, one in relation to the other.

Keywords: Teaching Portuguese; Clothes; Speeches

Introdução

O ensino de língua de portuguesa para estudantes estrangeiros centraliza atenção na escrita e leitura de texto escrito muito mais do que na modalidade oral. Fato ocorrido em São Luís que não significa uma contradição, mas uma postura, em especial, se os demandantes da aprendizagem necessitam adquirir conhecimentos linguísticos para uso contínuo no dia a dia e em diferentes interações comunicativas e informativas.

Isto ocorreu com vinte seis africanos encontrados à deriva na baía de São José, no Maranhão, em maio de 2018. Após os registros e o devido acolhimento pelos órgãos do Governo do Estado, estes passaram a ter aulas de português, variante brasileira. A maioria desses africanos era alfabetizada em *Wolof* e árabe; apenas um daqueles alunos tinha um pouco de compreensão do vocabulário em português.

Objetiva-se, com este trabalho, contribuir com o ensino de português como língua adicional levando-se em conta as formas como falantes nativos e estrangeiros identificam-se e comunicam-se por meio do vestir.

O ponto de partida, encontrado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano do Maranhão, foi ceder o livro de Português para refugiadas e refugiados, pode entrar. (FEITOSA *et ali*, 2015) para cada aluno. De posse desse suporte, foram organizadas as aulas tendo em vista que eles seriam acomodados em casas de apoio e teriam de realizar cadastros para emprego. Para atender a essas necessidades de comunicação, seria urgente prepara-los para interações mais imediatas, nas quais, além de conhecimentos básicos linguísticos seriam necessários adaptar-se e compreender minimamente os modos de apresentação do vestir para determinadas

situações. Para tanto, foi apresentada a tabela de vestimentas, que compõe o capítulo 5 do “Português para Refugiadas e refugiados, pode entrar, (FEITOSA et ali, 2015), página 41. A atividade realizada com essa tabela provocou estranhamento pelas designações dos tipos de vestes, porque atribuíram nomes a peças de vestimentas masculinas e, outras, femininas. Posteriormente, a fim de fixar possíveis significados atribuídos ao modo de vestir dos diferentes grupos brasileiros foi apresentada a crônica “A roupa fala”, de Leonardo Borba (2017). Os resultados dessas atividades serão tratadas a seguir.

1. Fundamentos teóricos

A base, que fundamenta a prática de ensino de português, teve por estratégia levar o outro a adicionar o que já sabia um outro ponto de vista, isto é, depreender que há subjetividade simbólica nas designações nas vestimentas que transmitem informações que, nem sempre, são “ditas por palavras”, mas o contexto de uso imprimem entretenimento “roupa de reggae”, “roupa de ir para Igreja”, “roupa de casamento”; Discurso e Contexto condizem com o modo de dizer e de fazer de cada grupo social.

Assim sendo, as categorias analíticas proposta na vertente sócio-cognitiva para Análise Crítica do Discurso, segundo van Dijk (2008), envolvem discurso, sociedade e cognição, as quais se inter-relacionam de forma que uma define a outra. A sociedade decorre de um conjunto de grupos sociais que se formam por terem em comum suas próprias cognições a respeito dos conhecimentos sociais e, por essa razão, estão em constantes movimentos interacionais.

A cognição é deliberada pela memória social, emana de um conjunto de conhecimentos que são crenças decorrentes da projeção de um ponto de vista comum a todos os membros do grupo social. Cada ponto de vista grupal é definido por objetivos, interesses e propósitos comuns a todos os membros que constituem o grupo.

Não obstante, os conhecimentos são plurais, relativos a um mesmo

referente do mundo. Esses conhecimentos são crenças, na medida em que são apresentados como verdades para cada grupo social e essas verdades variam. Essas crenças constroem, com um conjunto de valores, os fatos sociais.

As crenças sociais decorrem do vivido e experienciado socialmente, embora haja também experiências pessoais. Tais experiências constroem formas de conhecimentos que estão armazenadas na memória individual das pessoas, ao passo que as sociais estão armazenadas na memória social, sendo que ambas, as sociais e as individuais, ficam armazenadas na memória de longo prazo das pessoas. Van Dijk (2008) mostra que há uma dialética entre o individual e o social. As crenças sociais, como forma de conhecimento, guiam a construção das crenças individuais e estas modificam as sociais.

O discurso, por sua vez, é definido como uma prática sócio-interacional que pode ser evento tanto institucional e público, quanto evento discursivo particular, havendo uma dialética entre eles. Todas as formas de conhecimentos são construídas no e pelo discurso entendido como uma prática social. Van Dijk (2012) menciona que as pessoas expostas a tais práticas constroem um esquema mental, designado de Discurso e Contexto. O contexto é discursivo e depende do momento sócio-histórico-cultural em que tal prática é aceita, ou está em vigor, e é sistematicamente controlada por uma estrutura na dimensão do discurso. O vestuário é comunicação para Eco (1989). Trata-se de uma vastíssima área de interesse da comunicação na vida quotidiana, em todos os níveis, pois demonstram um atributo de linguagem que permitem identificar as posições sociais, as formas do contar, do dizer, do exprimir a natureza humana.

No que se refere à vestimenta, Cirlot (2005) relata que as vestes têm sido símbolo que acompanha toda a história da humanidade, desde o material empregado para proteção do corpo, classificação social, recursos de manifestações festivas, elementos de organizações grupais, religiosas, crenças, identificação de trabalho, valores estéticos.

Tais representações são relevantes para as estratégias utilizadas para realização das aulas sobre as regras socioculturais de como as vestes

transmitem informações sobre quem são os membros de um grupo, o que pensam e o que fazem ao vestirem-se para situações diversas no cotidiano.

2. Metodologia e discussões dos resultados

As motivações para provocar os alunos a falarem em português eram modificadas diariamente. A cada dia sugeríamos uma temática: cumprimentos, agradecimentos, uso de transportes públicos, realização de compras no mercado público, nomes de produtos alimentícios, vestimentas, entre outros. Aqui, focalizaremos as designações das vestes, tabelas de convenções de tamanho de roupas e calçados, porque a maioria dos alunos iria fazer entrevistas para trabalho, em empresas locais, e/ou preencher formulários de identificação e cadastramento de emprego/trabalho.

Para tanto, selecionamos, no livro Português para Refugiados e Refugiadas a página 41, para que os alunos lessem palavras e associassem-nas às imagens para, desse modo aprenderem o vocabulário e, conseqüentemente, o significado da escolha daquelas vestimentas. Na seqüência, foram orientados a observarem, em suas andanças pelos espaços públicos ou não o modo como as pessoas vestiam-se na cidade de São Luís.

5.2 VOCABULÁRIO



PODE ENTRAR PORTUGUÊS DO BRASIL 41

Fonte: Feitosa et ali, 2015: 41.

Na observação do quadro acima, os alunos estranharam que a palavra “cueca” designa uma peça masculina, pois entendiam trata-se de uma vestimenta feminina. Observaram que nunca viram alguém usando jaqueta de moletom, echarpe, casaco, sobretudo, luva, em São Luís. Sem dúvida, foi-lhes explicado que as condições climáticas da região não se modificam e, constantemente, a média da temperatura é de 30° durante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano.

Outro dado relevante remete ao fato de os alunos não terem conhecimento das tabelas de convenções de tamanho de roupas no Brasil, por exemplo, seguimos o padrão: PP, P, M, G, GG, XG, XXG, ou variação numérica de 34 ao 58, para pessoas consideradas padrão nacional. Já os calçados, para adultos variam de 34 a 48. De modo geral, o estranhamento se deu em razão deles estarem habituados à convenção da tabela de calçado e de vestimentas dos europeus; quiçá, dos norte-americanos.

Acrescentamos a leitura da crônica “A roupa fala”. Ao lerem, os alunos deram gargalhadas e afirmaram que “roupas não falam”. Ao serem questionados sobre as vestimentas usadas por eles, às sextas-feiras, como seguidores da religião Mulçumana, logo responderam ser para “louvar à Maomé”, justificando que as roupas especiais são pra ocasiões também especiais!

Esse contato e o estranhamento provocado nos alunos significa ser possível revelar que aquilo que se faz e o que se consome são materializações culturais que mobilizam discussões variadas, desde o modo de se vestir, que equivale a um sistema de signos com os quais se expressam aspectos subjetivos e contextuais, explicando à variação vocabular para nomear peças de roupa relativas às convenções sociais e combinações festivas ou religiosas.

A crônica “A roupa fala”, (Borba, 2017) trata de acontecimentos do cotidiano. Os resultados alcançados indicam que:

a) as vestimentas envolvem um conjunto de informações simbólicas, metafóricas, expressam valores e ditam regras que subjazem às atribuições

das designações linguísticas, como atributos culturais e ideológicos, por exemplo:

Todos os dias quando acordo tenho que escolher o que vestir. É sempre um desafio e tanto, já que depende do humor, do clima, da pressa ou até mesmo do que chamam de “dress code”, uma espécie de censor que lhe diz: use isto ou aquilo para esta ou aquela situação. [...]

b) estereótipos e tipos de vestimentas brasileiras causam estranhamentos culturais aos estrangeiros:

[...] Hoje, optei em sair com a minha camiseta do Bukowski. Sei lá, estou meio nem aí para ninguém. Malha cinza e texto desesperançoso. Ao entrar no elevador, cruzo com um casal de vizinhos: ele, de tênis de corrida, fone de ouvido e uma camiseta customizada “no pain, no gain”; ela, de calça mega colada e meia lá em cima. Deduzo rapidamente que são fitness. Olhando para minha barriga penso que preciso da ajuda deles. Mas, ao final, apenas dou o bom dia protocolar e sigo em silêncio olhando para o chão, teto ou qualquer lugar que se olha quando estamos em um elevador. Sigo pelos corredores e, na saída do portão, cumprimento o porteiro, que por sua vez usa uma calça social preta e uma camisa de botão branca com a logo do condomínio. [...]

c) designações e significados do modo de vestir de cada grupo social em relação ao Outro:

[...] aguardo no ponto de ônibus e observo as pessoas. À espera pelo ônibus me percebo um bicho fofoqueiro. Ali, naquela calçada, a partir das suas roupas e trejeitos, descubro várias tribos, diversos grupos de pessoas. Como Oscar Wilde diz: “Definir é limitar”, mas é inevitável não nos encaixarmos em algum lugar. Mesmo que seja o de não se encaixar em lugar algum, entende?

Bom, voltando ao ponto de ônibus, na sequência, um homem de terno e um livro com capa de couro preta, ao meu ver seria uma bíblia. É como se ele me dissesse: estou indo cumprir a minha fé. À frente, uma mulher de short jeans e blusa soltinha do tipo sou-rata-de-praia e o verão é nosso. À esquerda, um rapaz com calça de um material que não sei o nome, camiseta xadrez, barba grande e ar de lenhador dos tempos modernos ou, talvez, Hispter mesmo. Por fim, uma menina aparentando uns 17 anos, com mochila, all star e jeans, segue seu sonho em passar para o Enem.

À 30 metros do ponto tem um sinal de trânsito. Uma fila de pelo menos 10 carros se forma e o meu ônibus vem na sequência. Eu espero ansioso a abertura do sinal para poder adentrar ao

ar condicionado mais esperado da manhã. Troco olhares com um jovem dentro de um HB20, óculos escuros da Tommy Hilfiger e camisa polo da Ralph Lauren dão o tom. Sinto ele me dizendo: corre lá, que eu tô com a vida ganha.

Diante do exposto, é possível verificar que a tipificação de trajés e vestimentas permitem aos sujeitos vestirem-se de significados mediante cores, tecidos e modelos que manifestam subjetividade e “falam” sobre suas representações de mundo, suas formas de distinção e pertencimento social. Os próprios passaram a observar-se quanto as suas roupas; e a compreenderem que o modo de se vestirem permite uma identificação de suas origens, etnias, sua cultura, sua religiosidade, seus valores e suas formas de agrupamento.

Os resultados obtidos aqui apresentados justificam a necessidade de o professor de português língua estrangeira, nas mais diferentes situações, saber identificar o canal de entrada para realizar, com adequação, a tarefa promover a interação sócio-comunicativa de seus alunos de modo a habilitá-los na nova língua aprendida bem como a cultura nela impressa.

Referências

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. FRIAS, Rubens Eduardo Ferreira (trad.). São Paulo: Centauro, 2005.

ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. In, ECO, Umberto et ali. **Psicologia do vestir**. 3 ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989. (p. 7-20)

FEITOSA, Jacqueline et ali. **Português do Brasil para refugiadas e refugiados, pode entrar**. São Paulo, 2015. Editora responsável, Talita Amaro de Oliveira. (Livro do estudante).

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. ILARI, Rodolfo (trad.). São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto, uma abordagem sociocognitiva**. ILARI, Rodolfo (trad.). São Paulo: Contexto, 2012.

BORBA, Leonardo. **A roupa fala!** Crônica de uma quinta-feira carioca. 2017. Disponível em: <<http://blog.poemese.com/a-roupa-fala/>>. Acesso, 02-04-2019.